



A REPRESENTAÇÃO DE MEMÓRIAS DE UMA CASA A PARTIR DE UMA NARRATIVA VISUAL

Mel Taynná Brito Araújo Andrade¹ - IFCE
Wendel Alves de Medeiros² - IFCE J
João Vilnei de Oliveira Filho³ - UFC

Resumo

Este artigo apresenta o processo de uma investigação em artes visuais que tem como questão norteadora descobrir diferentes modos de representar memórias ativadas por vestígios físicos da minha casa, por meio de uma produção imagética. Utilizamos como metodologia a cartografia, para mapear e catalogar as memórias vivenciadas na casa, tendo como objetivo a experimentação das possibilidades de efetivar uma narrativa visual através de minha poética. Esta pesquisa ancora-se nos escritos teóricos de Gaston Bachelard (1998) e Roland Barthes (1984), e no aporte metodológico de Suely Rolnik (1989) e Lucia Gouvêa Pimentel (2017), que nos apresentam outras perspectivas possíveis de se pensar a casa, e, tendo ela como objeto, pensar as relações entre espaço e subjetividade. Por fim, proponho-me a refletir sobre a minha própria prática e processo artísticos.

Palavras-chave: Poéticas Visuais. Fotografia Contemporânea. Cartografia.

1 Licencianda em Artes Visuais pelo IFCE. Email: melandrade90@gmail.com.

2 É professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE), lecionando no Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), possui especialização em Design Gráfico (2008) pela Faculdade Sete de Setembro (FA7) e graduação Tecnológica em Artes Plásticas pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Tem experiência nas áreas de fotografia, audiovisual, Arte-Educação e Arte & Tecnologias Contemporâneas. Email: wendel.medeiros@ifce.edu.br.

3 João Vilnei é professor assistente do curso de Design Digital no Campus da Universidade Federal do Ceará - UFC em Quixadá. Doutor em Arte e Design pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto - FBAUP (2017), mestre em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro - UA/Portugal (2009) e bacharel em Publicidade e Propaganda pela UFC (2006). Integra o Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte - LICCA/UFC, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e o Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade - i2ADS/FBAUP. Email: joaovilnei@gmail.com.



Introdução

O encontro com os vestígios da minha casa lembra-me instantaneamente outros tempos vividos por mim. O que chamo aqui de vestígios são partes da construção física que muitas vezes remontam a períodos antigos da casa. Algumas vezes, em meio às vivências dessas memórias, sinto estar em uma suspensão no tempo e no espaço, como se o encontro com os vestígios fosse uma fissura que, em contato físico e visual, alterasse a maneira como meu corpo experiencia aquele espaço tão singular. Essa casa foi o primeiro lugar onde fui morar após ter nascido e é o local onde ainda vivo. Nesse espaço, por causa da quantidade de reformas que minha avó fez, comecei a encontrar vestígios referentes a outros períodos das construções anteriores. Acessar essas memórias a partir dos diversos vestígios, seja por lembranças de situações vivenciadas, contadas por minha avó ou mesmo imaginadas através de fotografias antigas, é instigante porque me leva ao encontro de cenas do meu passado que eu dificilmente lembraria sem esse estímulo visual.

Os personagens e acontecimentos foram parte significativa para a produção imagética das memórias constituídas, eles tornaram-se material para a composição dos espaços da casa. Acredito que minhas memórias são afetivas e por isso não senti a necessidade de estabelecer uma narrativa cronológica. Não tenho a pretensão de que aqui sejam apresentados fatos verídicos e históricos, afinal “nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida.” (BACHELARD, 1998, p. 26). Este experimento é parte de trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Artes Visuais e apresenta o processo da minha pesquisa. Sei que existem muitas formas de se contar uma história, mas tudo foi acontecendo ao longo do processo de pesquisa: as memórias foram ativadas por devir cartográfico, delineando o início da narrativa que aqui apresento.

Por trabalhar em uma pesquisa que tem como *locus* uma casa, gostaria de falar sobre sua estrutura: ela está situada em um terreno de 13 x 55 m², sendo sua primeira construção provavel-



mente da década de 1950. Inicialmente, a casa tinha 6 cômodos, hoje tem 18: ao longo do tempo, essa estrutura foi sendo modificada, minha avó diz que “a primeira reforma foi por necessidade. (...) Eu coloquei mais dois compartimentos, sei lá o que foi que eu fiz, só sei que eu aumentei.”⁴

Nesta pesquisa, utilizei inicialmente a entrevista individual semiestruturada, realizada com o consentimento de minha avó por meio das perguntas: “Vó, me diz.... Como a senhora comprou essa casa? Como a senhora veio bater aqui?”. A escolha da entrevista tinha como objetivo uma maior flexibilidade em relação às perguntas e respostas, mas principalmente ter acesso às memórias de situações vividas pela minha avó, contadas por ela. Robert Farr (1982) fala que a entrevista é “(...) essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista.” A entrevista me possibilitou entender melhor sobre a compra da casa e sobre a mudança da minha avó para este novo espaço, entre outras histórias. Mas percebi que tem sido muito mais significativo o que ela costuma contar ao longo de nossas conversas cotidianas. Para esta investigação, apreciamos o caráter afetivo envolvido no acesso a essas memórias e lembranças versadas em entrevista.

O mapeamento cartográfico não teve a pretensão de ser realizado levando-se em consideração a precisão instrumental dos mapas convencionais, mas sim através das significâncias que esses espaços têm para mim: “(...) como toda cartografia, ela foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles.” (ROLNIK, 1989, p. 18). Como meu campo cartográfico é justamente a casa em que moro, percebi que tive que me colocar em um estado consciente nesse andarilhar pelos cômodos. Então, a partir de um *modus operandi* racional nesse espaço, iniciei meu caminhar pela casa, demorando em cada cômodo, me deixando ser afetada por algumas memórias

4 Depoimento de minha avó em entrevista oral.



que são instantaneamente ativadas a partir de meu contato visual com os vestígios físicos. Rolnik (1989) fala justamente sobre a possibilidade de se cartografar o que ela chama de paisagens psicossociais, que são espaços que passamos a cartografar a partir de uma relação da perda de sentido e da formação de outros e que estão em constante transformação, mas principalmente pelas relações que são possíveis de se estabelecer, no caso deste experimento/investigação, a partir das minhas próprias memórias.

As etapas da investigação compreenderam a coleta e seleção dos dados referentes às memórias da casa, recorrendo ao método ou postura cartográfica e à leitura de fotografias de arquivo, tendo como objetivo montar uma narrativa visual das memórias coletadas. À medida que eu cartografava, utilizava como instrumentos de investigação a escrita descritiva de algumas memórias e a fotografia; por meio de experimentações corporais em espaços que, mesmo ainda existindo como vestígio, não têm mais suas funções preservadas.

Parte das etapas propostas da pesquisa é refletir sobre a minha prática artística, meu processo criativo e meus resultados imagéticos. Meus principais questionamentos partem dos vestígios físicos e das memórias que eu tenho da casa, pensando como posso catalogar as memórias através da narrativa visual, principalmente. *Como se dá o processo de construção poética a partir das minhas memórias ativadas por meio dos vestígios desta casa?*

Existem muitas formas de se contar uma história

Como é possível perceber até agora, o processo de investigação visou experimentar quais os resultados possíveis ao se tentar representar memórias ativadas por vestígios físicos de uma casa a partir de fotografias de arquivo, formalizadas através de uma narrativa. Pimentel (2017) afirma que as narrativas são construídas a partir da percepção que o sujeito tem de si e como ele é capaz de demonstrar isso, portanto, nas primeiras etapas desta pesquisa, entendi que deveria



externar visualmente essa tomada de consciência de como o lugar em que vivo e a relação com a minha avó me afetam.

A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Em ambos os casos, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa (BACHELARD, 1998, p. 23).

Percebi então que uma organização das memórias mais significativas giraria em torno de uma sistematização que não poderia ser determinada pelo viés cronológico, mas sim guiado pelo afeto e pelas informações apresentadas nas imagens. Esse sentimento determinou a vontade de criar uma catalogação imaginária, resultante de minha percepção, das memórias ativadas desse contato com a casa e das situações vividas nela e materializada principalmente pelas fotografias antigas, pelos registros escritos e pelas plantas baixas e mapas.

Tomando como base as considerações de Bachelard (1998) sobre a capacidade que uma casa tem de atrair imagens que a definem como um lar para cada um, encontrei, nas infindáveis imagens dispersas em minha memória, um corpo de imagens que pudesse traduzir o que sinto ao estar ali, em meu lar. Tal intento só foi possível pelo caráter afetivo que se comportou como uma espécie de fio condutor capaz de me apontar as memórias, dando-me a oportunidade de finalmente criar um mapa imaginário cartografado pelo sentimento, que podemos ver materializado através do desenho a seguir.

Mais do que um percurso realizado a partir de um guia, nós temos aqui um delineamento territorial que vai sendo criado à medida que estou *in loco*, ou seja, quando interajo com o espaço. Minha poética tem sido resultado da exploração do espaço e da escrita. Durante a pesquisa, reencontrei trechos pertinentes em meus diários antigos: e se eu escrevesse um diário imaginário

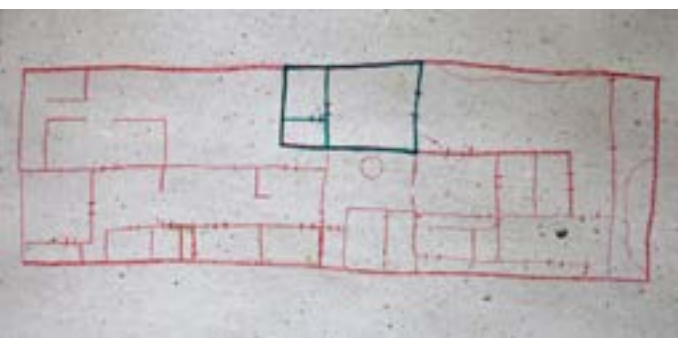


Fig. 1 - Planta baixa da casa - Fortaleza - CE



Fig. 2 - Fotografia de minha avó quando jovem
- Fortaleza - CE

de vivências ou sobre as minhas lembranças de vivências em cada cômodo da casa? É perceptível como as mesmas questões que me trouxeram a investigar esta casa hoje, já me eram latentes há dez anos, e ainda utilizo como recurso a escrita em diário para organizar minhas questões e fazer as análises da pesquisa de forma processual.

Talvez eu nem tenha iniciado pelo desejo e sim pela dor. Ainda não sei representar essa dor e essas memórias em fotografia. Eu não sou fotógrafa. Eu sei escrever. Eu gosto de imagens. Eu gosto de arquitetura. Eu gosto da minha avó que é minha mãe. Tenho vergonha, não sei muito bem como mostrar essa dor e essas memórias de forma honesta, em uma escrita pragmatizada e lógica. Trabalhei com fotografias de arquivo, brincando com elas, colocando-as no espaço e tempo presente. Mas elas são do passado, de um tempo e espaço que não existem mais.

Ontem meu pai e minha avó conversavam sobre a parede de tijolo branco que ficou à mostra. Papai, que é arquiteto, falou que essa casa provavelmente foi construída na década de 1960, minha avó corrigiu dizendo que foi em 1950. A parede é linda. Queremos passar verniz e deixar à mostra. Como em um museu.

Eu estava falando no início sobre as fotos de arquivo, imagens de família, fotos que estavam resgatadas em um álbum meu. Eu nunca tive um álbum criado por meus pais ou minha avó. Na minha necessidade de ter essas memórias resgatadas, fui roubando algumas fotos que achava e iniciando o processo de catalogação. Não somente fotos minhas, mas dos meus pais e de meus avós. Eu tenho pouquíssimas fotos, mas elas me são muito importantes. Gosto de ver como minha avó era bonita, mas ao mesmo tempo fico triste em vê-la muito jovem já com tantos filhos.

Eu sei que ela se sentiu muito mais feliz quando comprou esta casa, após o divórcio. A casa representa tudo o que minha avó é. Há outras fotos dela, já mais velha, em que o olhar dela é diferente: ela parece muito feliz. Livre. Eu só tenho uma imagem do meu avô, em que ele está no que parece ser alguma daquelas situações que advogados apresentam algo. Ele, magro, de óculos, segura fortemente um maço de papeis, sacode-os firmemente, enérgico. Ele está curva-



Fig. 3 - Fotografia de meu pai, 1985 - Fortaleza - CE

do, era alto? Não lembro. Só lembro dele já idoso e eu tinha um pouco de medo dele. Um pouco parecido com o medo que sinto de meu pai.

Gosto de ver as fotos de minha avó e perceber como sou parecida com ela. Provavelmente eu seja bem mais parecida fisicamente com minha mãe, mas me identifico muito mais com minha avó. Às vezes me pergunto o quanto tem de reflexo dela em mim o fato de eu justamente querer ser professora de artes visuais e ser artista. Não foi uma influência direta, mas há algo aí.

Eu vejo o volume dos cabelos cacheados dela quando jovem, os seios grandes (minha mãe tem seios pequenos), as unhas compridas. Hoje seu cabelo é pouquinho, quase liso e fico me perguntando se meu cabelo vai ser assim também um dia. Cinza, pouquinho, meio liso.

A fotografia me permite ter esse contato com memórias que parecem inventadas por mim, baseadas em todas as informações apresentadas em cada imagem e somadas às informações que já tenho das pessoas e das situações.

A foto em que meu pai está plantando bananeira na garagem não me fala tanto, pois provavelmente nem era nascida, ou seja, não vivi essa cena no mundo real.

Acabo pouco fantasiando sobre esse dia. Talvez meu pai estivesse plantando bananeira porque era costume seu, já que dava aulas de capoeira. Provavelmente estava posando para a foto. Será que foi minha mãe quem fez o clique? Estranhamente o que me chama mais atenção nessa foto é o portão branco que está atrás dele. Um portão de ferro, vazado, que na foto está no local onde hoje é a porta da minha casa. E que depois foi recolocado no quintal, em um local em que hoje não existe mais portão, nem porta, é a divisão de uma das salas para a cozinha. Eu lembro muito bem desse portão. Não sei exatamente porquê. Mas lembro do seu peso, do ferro-lho grande que usávamos para fechar e que rangia muito. Essa minha relação subjetiva e afetiva com as imagens me remete ao que Barthes (1984) fala em *A Câmara Clara* dos dois elementos vinculados ao gosto pela fotografia. O primeiro, que ele nomeia de *studium* ('estudo' em latim), está relacionado à análise da imagem a partir das informações que esta apresenta, “[...] remete

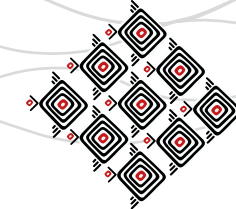


Fig. 4 - Fotomontagem da imagem anterior, 2018
- Fortaleza - CE

sempre a uma informação clássica: a insurreição, a Nicarágua, e todos os signos de uma e de outra: combatentes pobres, em trajes civis, ruas em ruína, mortos, dores, o sol e os pesados olhos índios” (1984, p. 45). O que Barthes chama de *studium* é justamente aquilo que a fotografia nos apresenta em sua constituição, é o nosso primeiro contato com aquilo que ela apresenta. Já o outro elemento, Barthes chama de *punctum*, aquilo que é marcado por algo pontudo, cortante, por um ponto sensível: “o *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere).” (1984, p. 46). Ou seja, essas fotografias que trago aqui provocam interesse em mim porque nelas há um *punctum*, que me afetam, me ferem, me cortam através das memórias relacionadas ao seu *studium*.

A garagem, desta foto, continua com o mesmo espaço de sempre, mas o piso mudou, os locais das plantas mudaram, a entrada para outra parte da casa também mudou.

Nessa garagem eu aprendi a dançar na “boquinha da garrafa” com minha prima mais velha, mesmo muito constrangida. Também dei meu primeiro “chute nos ovos” em meu primo. Chorei sozinha com medo “das almas” enquanto esperava meu pai e minha avó chegarem em casa. Tive uma discussão com um ex namorado depois de voltarmos bêbados de uma festa. Arranhei o carro da minha avó tentando tirar da garagem logo depois que tirei minha carteira de motorista, e tentei cobrir os rastros de parede com esmalte vermelho para que minha avó não descobrisse.

A fotografia é também um desses vestígios físicos que me atinge todas essas memórias ao mesmo tempo, como uma avalanche. Da mesma forma que os vestígios das construções me atingem. Às vezes parece que eu estou sendo redundante quando falo muito dos vestígios, mas é que eles têm uma carga de ativação muito poderosa sobre mim. A arquitetura da casa e as imagens conversam muito comigo.

Fui questionada sobre o porquê de não trazer outros personagens para a pesquisa. Esses personagens podem aparecer, como apareceram nessas últimas memórias, mas todos estão interligados a mim. Esses personagens, essas outras pessoas só irão aparecer se eles estiverem presentes nessas memórias, se eles tivessem interagido comigo, participado das cenas.



Eu nunca entendi direito porque gosto de fotografia. Eu não lembro direito como comecei a gostar. Mas lembro que uma das minhas primeiras fotos foram autorretratos. Eu colocava o *timer* da câmera do meu pai e ficava posando. Usava um abajur e a luz do teto para iluminar, não podia usar luz natural pois eu ficava seminua. Tinha 16 anos e queria ser artista, mas nem sabia que isso existia. Eu não queria necessariamente ser artista, eu só queria continuar fazendo aquilo. Além disso, eu gostava de fazer vídeos de cenas de situações cotidianas. As imagens não tinham necessariamente que “dizer” algo, mas eu precisava gostar da composição, do que a cena mostrava, além de sempre me colocar nas imagens. Eu tinha 16 anos quando comecei a fazer isso.

Além de fotografar, eu sempre escrevi. Diários e mais diários. Cartas de amor, cartas de desamor. Escrevia nas paredes, nos cadernos, nos livros. Tanto a escrita quanto a fotografia e o audiovisual estiveram presentes enquanto linguagens que eu usava para me expressar.

Considerações Finais

Minha poética tem sido resultado da exploração do espaço: fotografando a casa, seus diversos objetos, utilizando fotografias antigas como documentos, escrevendo sobre as minhas memórias, registrando as histórias de minha avó. A escrita deste artigo tem como base o processo de pesquisa de meu trabalho de conclusão de curso e, por isso, muitas das questões primordiais para mim ainda não foram respondidas e espero que nunca sejam, para que eu possa continuar a explorar esse objeto de desejo que me é tão instigante. Para além dessas questões, tem sido importante analisar o meu processo de investigação e produção poética até então. Pensar o processo de criação e os estudos que o envolvem são relevantes em pesquisas em artes, tendo em vista que tais trabalhos se dão justamente nesse trajeto, nos questionamentos encontrados ao longo do caminho, no olhar insistente para o objeto, nas leituras de autores e teorias e em nossas produções artísticas.

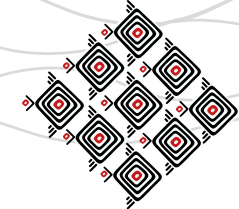


Uma das primeiras ações dentro da pesquisa foi experimentar formas de explorar a casa. Para isso tive a fotografia, o vídeo e a cinemagrafia, os desenhos de mapas e plantas baixas como instrumentos de exploração. A cada “exercício” estive produzindo imagem, estive investigando e tendo maior entendimento sobre minha pesquisa e sobre esta casa que tanto me surpreende a cada vez que me coloco em estado consciente durante os percursos cartográficos e me permito ser conduzida pela própria geografia da casa. Mas uma das mais significativas ações dentro da pesquisa tem sido justamente a escrita.

Durante os percursos cartográficos, pude compreender melhor o que as teorias falam sobre cartografia, principalmente no que se refere aos resultados, em que não temos controle algum sobre eles, pois fazem parte do acaso.

Meu principal questionamento com essa pesquisa é investigar como se dá o processo da minha produção poética a partir das minhas memórias ativadas por meio dos vestígios desta casa, ou seja, compreender como se dá essa relação das minhas memórias nesse espaço, que foi sendo modificado ao longo dos anos. Compreender também como se dão essas relações tão subjetivas e íntimas entre minhas memórias e a produção de imagens deste local. Essas questões me são caras e têm sido respondidas à medida em que estou investigando, mas percebo que a cada vez que me aprofundo, novas questões emergem, me permitindo (prefiro ver assim) continuar tentando respondê-las através da minha poética.

Vou continuar a partir daqui, aprofundando os experimentos poéticos no espaço, na catalogação dessas memórias e tentar descobrir quais as formas que posso apresentá-las. Desejo que este trabalho possa ser um incentivo para olharmos nossas casas, compreendermos um pouco sobre quem somos, quem são nossos ancestrais e quais características temos deles. A casa tem potência como objeto de investigação a partir do momento em que reconhecemos este espaço como potências nas nossas relações íntimas, subjetivas e cotidianas, principalmente para nós, artistas.



Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. **BARTHES**, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Revista GEARTE - UFRGS. v. 4, n. 2: **Abordagem Triangular: territórios e perspectivas Arte/Educativas**. 2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/76137>>. Acesso em 02/09/2018

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 1989.